

**LA RELIGIONE DEL MIO TEMPO, DE PIER PAOLO PASOLINI. OU DE COMO, NÃO
A RELIGIÃO, MAS A DEMOCRACIA E O CAPITALISMO (PASSADOS DOIS MIL
ANOS) PUDERAM DESTRUIR O HOMEM ITALIANO**

Francisco Vítor Macedo Pereira ¹

RESUMO: Segundo Pier Paolo Pasolini (1922-1975), a partir da década de sessenta do século XX, dá-se na Itália do *boom* capitalista a consolidação irrecusável de um regime de expansão-consumo-tolerância, o qual retifica toda manifestação simbólica dos itálicos a uma *vida comum*. Os sintomas dessa nova civilização de consumo nos corpos das subjetividades passariam então a resumir a composição da ordem das relações individuais e coletivas sob os signos do desenvolvimento econômico, das garantias jurídicas, da *erotomania* generalizada e das liberalidades banais; que se imantaram, sequazes, em todos os níveis de experiências e de culturas no presente (a ponto de determinarem as complexas estruturas de poder e de dominação sobre as quais as mesmas tiveram de, doravante, se imprimir). Diante desse quadro de mutação antropológica especificamente italiana, Pasolini refere-se, em sua poesia da década de sessenta, à mortificação física e filosófica desse homem italiano.

Palavras-chave: *la religione del mio tempo*; civilização de consumo; mutação antropológica.

ABSTRACT: According to Pier Paolo Pasolini (1922-1975), since the sixties of the twentieth century, takes place in postwar new capitalist Italy the consolidation of an undeniable expansion-consume-tolerance regime which rectifies the entire symbolic manifestation in an ordinary life. The symptoms of the today's world consuming civilization in the bodies of subjectivities summarize the composition of the collective and individual orders under the signs of economical development, juridical guarantees, generalized *erotomania* and banal liberalities; that have magnetized partisans in all levels of experience and cultures of the present time (to the point of determining the complex structures of power and domination over the ones they themselves were able to be so on imprinted). Facing this specific Italian figure of an anthropological mutation, Pasolini refers in his poetry of the sixties the physical and philosophical mortification of Italian people.

Key words: *la religione del mio tempo*; consumption civilization; anthropological mutation.

Pasolini e o seu tempo

Passados mais de trinta e sete anos de sua morte, o legado do cineasta, do poeta, do escritor, do dramaturgo, do ator, do pintor, do professor, do crítico e do intelectual italiano Pier

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Professor Adjunto de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba.

Paolo Pasolini (1922-1975) continua vivo. E, sem efeito de retórica, mais do que nunca. De fato, vive-se o tempo em que, a despeito de implantadas em definitivo a democracia e as promessas de bem-estar social em praticamente todo o mundo ocidental, confere-se, simultaneamente, a escalada da insanidade de morticínios (não só de grupos, mas de povos inteiros) e de desprezo pela vida e pela alteridade neste mesmo espaço democrático. Presencia-se um mundo em que supostas liberdades, que jamais teriam existido, são anunciadas por muitos meios. Um mundo, no entanto, hipnotizado pela distorção do erotismo, irrevogavelmente seduzido pelo que é rentável e consumível. Um mundo, pois, atraído incontrastavelmente por prazeres – que na realidade não são prazeres; e que, de fato, puderam acabar com as amizades autênticas. Tamanha indiferença – *qualunquismo*² – em relação ao outro; a propósito, essa espécie de desprezo do outro, tem algum sentido na situação ou no quadro de existência atual?

A recusa ao egoísmo, ao comodismo, ao conformismo, à falta de amor, às covardias do cotidiano, à homologação cultural e mental – que consiste em estar no mundo e em não poder mais vê-lo, senti-lo ou pensá-lo como coisa ou como realidade concreta –; a resposta, como recusa a este presente de caos, a obra escandalosa de Pasolini tem a coragem de conferir. Tem coragem porque o seu autor se convence, com a força da própria vida, de que é preciso continuar dizendo *não, não, não!* Mesmo que seja a sua uma voz a pregar sozinha no deserto: a tentar desesperadamente concitar (exortar) os coetâneos da última hora a recusarem o presente como lhes é ofertado; e a animar-lhes a não renunciarem (pelo conformismo, pela integração e pela indiferença) ao mundo – que cada vez mais parece perdido (sobrestado, pelo hedonismo do consumo, a um estado geral de infelicidade e de insatisfação no presente – ante os olhos e os sentimentos claros de Pasolini).

Para Pier Paolo Pasolini, a vida de negação e de recusa sentida é, no entanto, muito abreviada. Todavia, cabe nela muito mais do que se é capaz de viver no presente. Não sem outro sentido, a sua é uma vida que está aqui no presente, e em sua realidade mais dura e mais concreta – ao mesmo tempo em que não está. Mas, de lá – de um exílio de dor –, ela sorri. Sorri para a humanidade novíssima, que envergonha com o seu desenvolvimento político e econômico (com um falso progresso) o jovem que ele foi.

² *Qualunquismo* é o termo corrente de que se utiliza Pasolini em boa parte de sua obra, para referir-se à indiferença e à impessoalidade que caracterizam as relações humanas no presente. Termo o qual preferimos traduzir – nas citações de que fizemos uso – simplesmente por *indiferença* (que nos pareceu melhor do que *indiferentismo*). As traduções todas do italiano para o português, de que nos utilizamos no decorrer deste escrito, são de nossa alçada.

Pasolini foi talvez um dos últimos representantes de uma intelectualidade sensível e sensitiva: que vislumbrou o horror da unificação econômica e tecnológica (sobretudo italiana), desde o início da década de sessenta – antes de ter sido ele mesmo sacrificado pela violência de massa e pela ascensão dos direitos, na forma de um suposto e controvertido assassinio homofóbico. Intelectual do escândalo – apontado como réprobo e obsceno por muitos até hoje –, cujo estilo e cujas declarações resultavam dificilmente traduzíveis e publicáveis; depois de tanto tempo, Pasolini permanece ainda bastante indigesto a boa parte da crítica e dos intelectuais, sobretudo dos itálicos.

Considerado, por alguns contemporâneos, vulgar demais para ser tido como um clássico; por outros, muito próximo ao presente – escandaloso –, para poder sobreviver aos intelectuais integrados que lhe sobreviveram (porque enterrados em vida); por mais alguém, julgado melhor crítico do que autor – pela mediocridade de sua poesia –; o fato é que o próprio Pasolini decretou, em vida, a sua morte: ao haver precisado que ele se tornara absolutamente incompreensível – sobretudo àquela *intelligentsia* italiana. O fato é que a obra desse intelectual italiano permanece, sem nada perder de seu vigor e de sua autenticidade no tempo atual, iluminada pela denúncia do mal, do caos e do horror – os quais somente ele e o seu empenho (e ninguém mais) profetizara para os tempos que outrora se vive.

Segundo o poeta corsário, todas as classes puderam objetivamente aceitar – como algo escancarada e demasiadamente lógico – as novas formas integradas do poder, falsamente democrático. A referência maior aqui é ao bom, emancipador e distintivo *poder do consumo*, que redime todas as *classes* e as converte aos signos burgueses *do bem e da riqueza*. Ao que equivale dizer: todos – indistintamente em seus meios – buscaram se tornar *bons*: bons profissionais, bons cidadãos, bons filhos, bons pais, bons aprendizes, bons mestres, bons trabalhadores, bons intelectuais, bons amantes para que, enfim, pudessem ser bons consumidores. Todos *boa gente*: merecedores, portanto, de *bem-estar*.

Por essa contundente denúncia, a obra pasoliniana – por si – decisivamente já valeria como o acréscimo de repulsa imprescindível ante os valores desse presente de liberdade outorgada, de tecnologia política, de vanguardismo individual, de indiferença à cata da ética, de egoísmo responsável e de direitos positivos – de muitos e diversos direitos: todos estes postos à disposição daqueles que a suas regras busquem se sujeitar. Em sua obra herética dos últimos

escritos (tanto em suas *Lettere luterane* – 1976³, como em seus *Scritti corsari*⁴), Pasolini percebe que, nunca antes, tanta tecnologia, tanto avanço, tanta segurança, tanta ética e tanta liberdade trouxeram à história do homem no presente tanto crime, tanta desconfiança, tanto isolamento, tanta impostura, tantas doenças e tamanha violência. Tanto é desse modo que os sujeitos todos passaram, nesse tempo presente, a entusiasticamente precisar de coisas de que há bem pouco tempo não precisavam, que sequer conheciam. Todos, nesse mundo, passaram a ter os mesmos desejos, iguaizinhos, indiferentes; e todos, quase que imediatamente, também foram ou são física e simbolicamente dizimados: porque as coisas novas de que precisam lhes foram ou lhes são retiradas muito rapidamente – e muito simplesmente ninguém sabe mais fazer o que fazia antes.

A responsabilidade por tudo isso é, por óbvia, avaliada na medida da queda do outro, no acerto nominal do seguro – a reivindicar a composição dos prejuízos sistêmicos à ordem social, no cálculo rasteiro de riscos e de benefícios. A vida contemporânea, que se desborda em entretenimento e em trabalho – duas atividades vazias, regadas a dinheiro, e que apenas medeiam o torpor do sono (há bastante tempo sem sonhos) – é piedosamente pobre de sentimentos; arrasta o homem para o exterior, para os jogos dos prazeres falsos – em detrimento do amor, do contato direto com a vida e com as amizades: que deveriam lhe constituir o esteio para quaisquer outras experiências e realizações.

³ As *Lettere luterane* (1976) consistem numa coletânea de ensaios editada postumamente. A maior parte deles havia sido publicada no *Corriere della sera*, em 1975; porém há alguns que saíram no *Mondo* (hebdomadário de atualidades de Milão), no mesmo ano de 1975. A obra se divide em três seções: Os jovens infelizes – nessa primeira seção, o alvo polêmico é a juventude homologada à civilização do consumo (ocasião em que Pasolini descreve que a maioria dos jovens tem feições contrafeitas de autômatos, sem que nada de pessoal os caracterize mais por dentro). *Gennariello* – que é um curioso tratado pedagógico – corresponde à segunda seção, na qual Pasolini imagina estar se voltando a um adolescente napolitano (ainda virtualmente ingênuo): a fim de dispô-lo em guarda contra o consumismo e o bom senso burguês, instigando-o à falta de respeito a qualquer sentimento instituído. E, por fim, *Lettere luterane* – última seção –, que é aberta com a abjuração de sua trilogia da vida: um tipo de testamento ideológico sobre a sua obra e que ilustra um ceticismo, desde já, sem saída. Os outros demais ensaios desta última seção percorrem a impertérrita metáfora de Pasolini do palácio – recorrente emblema de um poder contra o qual a oposição do corsário é total. Entre outros temas está a elegia pela perda da inocência do proletariado e o ataque direto contra a propaganda publicitária da televisão e a escola obrigatória na Itália.

⁴ Os seus *Scritti corsari* (1975 – portanto anteriores às *Lettere luterane*, as quais são organizadas e editadas um ano após a morte de Pasolini) recolhem os artigos do corsário publicados principalmente no *Corriere della sera*, entre 1973 e 1975. É o último livro propriamente organizado e publicado por Pasolini-autor (sai às livrarias um pouco depois de sua morte) e é muito mais do que uma coletânea de artigos e de entrevistas. O real escândalo desses escritos está na sua severidade e na sua subversão, e não exatamente no modo como ele tempera as suas críticas. São artigos que, de fato, tangem eventos e contingências que envolvem – de modo obscuro – a vida e a consciência de milhões de homens. Trata-se de uma crítica dura, áspera, de escandalosos argumentos – os quais Pasolini afronta sem indulgência, sem aproximação contemplativa. O leitor desses artigos (de escandaloso diagnóstico crítico dos modos de vida da civilização do consumo) encontra, ainda nos dias de hoje, escritos de atualidade, certíssimamente não efêmeros, nos quais se busca decifrar a fisionomia dos anos do porvir mais próximo – com os quais o corsário não se espantaria, vivo estivesse. De fato, a própria morte do escritor, em suas circunstâncias trágicas, e as reações que se seguiram a esse episódio revelam a terrível qualidade profética, o presságio certo escondido nesse livro.

A cessação do amor no tempo presente

Sem amor, ruem todas as estruturas – sempre efêmeras, consumidas fugazmente em uma realidade sempre mais alienada. A essas ruínas do consumismo ombreiam sucessivas ondas de alucinados, jogadas nas praias do mundo; logo seguidas pelas dos deprimidos, pelas dos ansiosos e pelas dos indefinidamente insatisfeitos: como a denunciar, sem que haja mais ninguém para perceber isso, a falsidade do bom senso e dos valores ético-morais, bem como das ambições tecnológicas da modernidade – que, em sua história mais recente, não felicitaram (minimamente) a maioria imensa dos sujeitos humanos.

Desse modo, o descabro e o absurdo campeiam à solta, ao lado da corrupção de todo o matiz – desenfreada: conspirando contra os ideais de coragem, de honestidade, de honradez, de amizade, de sonho e de amor. A alma vaga imensa, de descrença do homem pelo homem, e uma terrível indiferença pelo outro arrojam os sujeitos todos na corrente do desespero público: do mal apenas mascarado em hedonismo – e não detido em ameaça crescente à cultura. O mundo atual mais parece, assim, uma lixeira: que desborda indiferença, sofrimento e incontável sujeira para todos os lados.

Nesse tempo presente – de superlativo horror a Pasolini – a felicidade é apresentada, por sua vez, muito mais como programação hedonista, do que propriamente como desejo. Felicidade, no entanto, com frio, com isolamento, com indiferença, com fome, sem carinho, sem afeto – sem o outro. Felicidade que não é felicidade. Felicidade falsa que é tristeza dementada, anestesiada. Pasolini denuncia que, antes dessa voracidade consumista do presente, os homens sabiam – nos seus modos de vida, então arcaizados – exprimir uma felicidade real. No hoje indiferente, esta felicidade – com o desenvolvimento econômico e com a civilização calcada no consumo – perdeu-se no afã de todos os sujeitos em se parecerem iguais: em homologarem os seus sentimentos, as suas aspirações, os seus pensamentos a uma igualdade pasmosa – que se traduz no modelo burguês do bem-estar e da ostentação egoísta e indiferente para todos (com relação ao outro e às suas dores, e com relação ao mundo e à sua degradação).

A ânsia do consumo é uma ânsia de obediência a uma ordem não pronunciada. Todos na Itália sentem a ansiedade degradante de serem iguais a todos no consumir, no *ser feliz*, no *ser livre*: porque essa é a ordem que todos inconscientemente receberam, e à qual *devem* obedecer, sob pena de sentirem-se diversos. E nunca a diversidade foi considerada uma culpa tão espantosa

como nesse período de tolerância em que se vive. A igualdade, de fato, não foi conquistada; é uma falsa igualdade regalada. E uma das características principais dessa *igualdade* das expressões de vida é, hoje, a tristeza. A alegria, nesse compasso, está sempre em exagero, ostentada, agressiva, ofensiva. É de uma tristeza física que eu falo e a qual é profundamente neurótica. Ela é devida a uma frustração social. É assim desde que o modelo social a ser realizado não é mais o da própria classe, mas um que é imposto pelo poder – de modo que muitos não têm condições de realizá-lo, e isso tem sido uma humilhação terrível (PASOLINI, 1981, p. 72, grifos do autor).

Diante disso, precisar-se-ia de um novo modelo civilizatório – ainda a ser inteiramente aprontado, criado, inventado. O que é estranho é que em toda nova postulação civilizatória e em todo novo modo de vida considerado (mesmo nos que se lançaram dos anos setenta para cá) seguramente os sujeitos mais ricos não são os mais felizes – ainda que todos, indistintamente, não abram mão de verter a sua felicidade em riquezas. O valor do amor, da forma de olhar o outro – nunca como objeto, jamais como produto; mas como alguém com quem se deve caminhar junto na estrada das experiências de si e do mundo – perdeu-se assim, irrecuperavelmente, com a incapacidade dos sujeitos de reconhecerem nele (no outro) um homem real e, conseqüentemente, a si mesmos. De modo que todos puderam tornar-se (indistintos) alienados do mundo.

Mundo em que as três maiores e verdadeiras indústrias do novo capitalismo são a guerra, as drogas e a prostituição do sexo e do erotismo. Mundo em que parece, definitivamente, que a imaginação e a curiosidade de si nunca tornarão a ser mais importantes do que a azáfama do conhecimento exterior: que homologa a ordem presente e que massifica a todos sob essa mesma ordem – cuja obstinação, por sua feita, mostra-se absolutamente incapaz de descaminhar os homens de seu egoísmo e de sua indiferença⁵. Mundo, enfim, em que se pode – com precisão – saber o que se é; no qual, porém, não se tem mais como saber o que se poderia ser.

Pasolini e a sua obra podem servir, senão como espórtula para dessedentar de amor este mundo, pelo menos como diagnosticador de sua miséria, de sua incapacidade de sonhar mais e

⁵ Michel Foucault, em sua *L'Histoire de la sexualité* – no segundo tomo a respeito de *L'usage des plaisirs* (1983) – tem uma interessante observação filosófica a respeito da impropriedade ontológica do sentido dos conhecimentos nesse tempo presente, que obstinadamente homologam a ordem dos saberes na modernidade: “A única curiosidade que valeria a pena ser praticada com obstinação não é aquela que procura o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ela assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para se continuar a olhar e a refletir” (FOUCAULT, 2006, p.13).

de imaginar algo diverso à manumissão burguesa. O poeta e pensador corsário já denunciara os horrores do consumismo nas festividades natalinas, no dia das mães, nas sequências televisivas, nos *slogans* publicitários, na moda anódina; e declarara que toda a sua crítica a tudo isso se resumiria em um único sentimento: o de cessação total do amor nesse tempo presente.

Afinal, não há mais sequer necessidade de se fazer contas para se saber que o amor está se esgotando neste tempo presente; posto que sejam muitos a coonestarem as muitas dores – ao contrário do corsário, que deseja, antes disso, que este mundo queime... e parece ter pressa para que isso aconteça. Por certo, a obra de Pasolini, em alguns momentos, parece jogar-nos de chofre no indigesto submundo miserável da imundície – mas daquela que de fato rescende dos fetiches e das aparências da novíssima civilização do consumo. E a sua raiva (amor traído, destruído, por tornado ontologicamente impossível) diante dessa imundície, muitas vezes, gera efeito contrário à repulsão; provocando riso indômito. Uma raiva que se converte no motor inspirador de sua última produção, e que vem precisamente misturar-se a ingredientes também de uma fina e pesada ironia.

O prato preparado, por exemplo, em seu *Salò, o le cento e venti giornate di Sodoma* (1975), com temperos péssimos, tem a intenção explícita de acentuar o mal-estar do presente (referente); mas também esconde o segredo de um contraveneno. Ao final, lê-se ao contrário: sabe-se que a salvação não é divina. Do amor ao desamor estético, a raiva do último Pasolini – suicidado da sociedade – torna-se, então, a sua Filosofia; e perfaz a sua maneira explícita de narrar: que manifesta, em negativo, um sistema putrefato e capaz de gerar infinitos horrores – ao mesmo modo de um algoz sádico (que sabe, a partir de sua crueldade, reproduzidas vezes, criar um mundo de perversidade e de horror recorrentes). Nesse sentido, só a oferta do amor do outro poderia causar reação tão (perversamente) indignada: por indigna de viver, qualquer vítima – uma vez que se lhe enraizara o mal – estaria destinada à morte.

A concepção temática da obra de Pasolini

A apropriação do âmbito e da angústia de um exilado desse mundo horrível – de um exilado, contudo, com muita fome de realidade – se desenvolve na criação estética de Pasolini através de uma necessidade vigorosa e diversa de gêneros. Assim, surgem a poesia, a narrativa, o ensaio crítico-filosófico e, por fim, o cinema – esse último que não é senão a poesia (em movimento e em formas) dessa realidade: da qual ele é compungido a isolar-se em seu próprio tempo. Sua obra (poesia e prosa, ensaio e crítica, teatro e cinema) é, de fato, um só corpo; em

homeostasia a todos os estilos do autor corsário, em seus fluidos e em suas expressões mais vitais. O tempo, no entanto, é que é a sua matéria primordial: o tempo presente, com os seus homens presentes, com a vida no presente e ante o ocaso luminescente desta civilização de consumo – herdeira do progresso e dos muitos humanismos da modernidade (no presente). Presente em que qualquer resquício de amor, por fim, parece haver acabado (em meio à morbidez fascistizante do progresso e da tecnologia: que fariam com que Pasolini se sentisse mais só do que nunca nesse deserto atual de humanidade).

Com efeito, em uma entrevista concedida em 1969, aos críticos franceses Claude Biette e Jean-André Fieschi – para a elaboração do documentário *Cineastes de notre temps: un certain italien*⁶ –, Pasolini declara haver peremptoriamente cessado (como realidade empírica dos sentidos) o amor no presente. De um modo tal, que apenas os excepcionalmente belos e os extraordinariamente sagazes pudessem mais ser amados nesse tempo de hedonismo e de indiferença. É como se a humanidade do presente, envolta nas tecnologias de seus humanismos, se tornasse então um deserto de idéias, de arte e também de sentimentos. A propósito dessa constatação, onde estão os artistas e os escritores do presente? Enfim, onde está mais quem se desprenda do que quer que seja (de sua miséria) no presente?

A poesia, o teatro e o cinema de Pasolini estão, de fato, profundamente embebidos na *decadanza* sublimada em fascismo da cultura italiana. Estão compostos por notas – em princípio – contraditórias: como o catolicismo e o marxismo (os quais são os dois índices ideologicamente antagônicos e dominantes da vida intelectual italiana). Ambos as quais deixaram as suas marcas indeléveis também na obra do poeta, empirista herético. Entretanto, esse marxismo de Pasolini está distante de ser um sistema unificante. Em seu pensamento, o comunismo não é senão um dos amplos feixes de movimentos e de ideologias conflitantes a emergirem em seu tempo – justo naquele momento em que se dá a aurora de sua pulsão estética.

Há, no entanto, uma constante de seu pensamento e de sua criação com relação à ideologia comunista; uma invariante: o apego de Pasolini ao campesinato e aos trabalhadores da periferia. Um ideal que é advindo do marxismo, sim, mas que também é do romantismo de sua infância e de sua juventude. O seu, portanto, é um marxismo romântico, que doravante lhe permite perceber a nova equivalência geral: entre vidas e mercadorias – em meio à obnubilação

⁶ Nessa entrevista, Pasolini pronuncia-se sobre os mais diversos temas – marxismo, juventude, resistência e liberdade. Além de tecer importantes comentários acerca de alguns de seus filmes, especialmente do mais recente – *Teorema* (1968). Disponível na íntegra, em http://www.youtube.com/watch?V=BCC_MgyYSgE&feature=related (acessado em 13/12/2010).

axiológica da atualizada civilização de consumidores. Um marxismo que recusa todo o progresso reduzido apenas a desenvolvimento econômico, de lógica quantitativa: pronta a suprimir, em nome do deus dinheiro e do pragmatismo ideológico, todas as culturas e todas as formas de vida (as quais passam a ser tidas como excêntricas, se não se alinham aos novos modos e valores da burguesia neocapitalista).

Por outro lado, como parte do trauma que atravessou e que significou a existência do autor⁷ (conforme ele mesmo reconhece ao apontar elementos autobiográficos espalhados por toda a sua obra), a religiosidade – por sua vez – compõe a mística de sua estética e de seu pensamento: a acompanhar-lhe sempre. Ele chega mesmo a declarar – já em seus últimos escritos – (ainda que eufemisticamente) que toda a raiva que sentiu da burguesia, durante toda a vida, poderia ser tida como um ódio teológico contra o consumismo (Cf. PASOLINI, 2009, p. 195). Especificamente contra o consumismo italiano, cuja degradação ele considerava particular e mais devastadora – se comparada à que o capitalismo já operara em outros países. Uma religiosidade, entretanto, que rejeita o que é natural e o que é sobrenatural. Que representa muito mais a conjunção ingente de seu amor maternal e terrenal ao sagrado, do que propriamente algo que se pudesse considerar como uma devoção deísta.

Trata-se essa religiosidade, pois, da condição sagrada, com a qual necessariamente (desde a sua juventude) Pasolini vê e enfrenta a realidade: “Apenas sobrevivendo, em uma extensão de incansável, inexaurível paixão – que quase tem as suas raízes num outro tempo – sei que uma luz, no caos, de religião, uma luz de bem, me redime o muito amor no desespero...” (PASOLINI, 2005, p. 103). Uma religiosidade, portanto, cuja doçura e cuja força primitiva sempre o fariam chorar – a uma só vez de saudade e de ímpeto vingativo contra o presente. Toda a vez que o seu

⁷ Toda a obra de Pasolini, literária e cinematográfica, denota um autor com características individuais muito singulares. Nela, é possível que se perceba o seu posicionamento contrário à família e à sua importância institucionalizada – que não lhe parece ser senão uma remanescência arcaica. Decerto, durante a infância, ele teve muitos conflitos com a família, cuja origem é de classe média burguesa, do norte da Itália. Seu pai, oficial do exército fascista, lhe representava o pior elemento que poderia imaginar. Sempre foi, para Pasolini, bem difícil tratar de seu relacionamento com o pai; mas também com a mãe – que afirmava amar terna e incondicionalmente. Importante que se note que as suas origens são típicas da sociedade pequeno-burguesa italiana, o próprio autor reconhece-se como produto da mesma. Outro de que também se pode dizer um trauma definitivo foi a morte de seu irmão na resistência juvenil, supostamente em Salò – último reduto de Mussolini. Pasolini, com efeito, acerca desses temas, nunca quis chegar a conclusões – isso, em parte, forjou a sua atitude como intelectual, a quem sempre aprazia colocar muitos problemas, mas toda vez deixando-os abertos a considerações, sem respostas, ou pelo menos sem respostas que parecessem ser suas. O próprio filme *Édipo Rei* (1968), ele reconhecia tratar-se de uma autobiografia. Seu pai também era um oficial, como o de seu filme, e sua mãe era mais ou menos como a mulher do filme, vivida por Silvana Mangano. O autor vive, pois, o complexo de Édipo como uma espécie de laboratório, de modo elementar de sua criação estética.

amor religioso rescendesse do passado – daquele mundo materno – em face da raiva e da ira que ele doravante sentiria diante do mundo neocapitalista – a partir da década de sessenta – ele reivocaria, a despeito do catolicismo, o amor religioso (sacrossanto e materno) de uma terra e de um tempo cada vez mais distantes.

O rouxinol doce ardente
 Da igreja católica!
 O seu sacrílego,
 Porém religioso amor
 Não é mais do que uma recordação,
 Uma *ars retorica*:
 Mas é ele que está morto,
 Não eu,
 De ira,
 De amor desiludido,
 De ânsia espasmódica;
 Por uma tradição que é morta
 A cada dia
 Por aqueles que se fazem
 Os seus defensores;
 E com ele morreu
 Uma terra rendida
 Por religiosa luz [...]
 Foi morta uma mãe
 De moderação e de candura
 E foi morta também
 Uma época da nossa existência,
 Que outrora em um mundo
 Destinado a ser humilhado
 Foi luz moral e resistência
 (PASOLINI, 2005, p. 101-102).

Portanto, a religião, sim! Porém, a religião do contato e da relação direta com o sagrado – sem nenhuma denominação. Uma religião que lhe aparece, no entanto, como algo pertencente a um mundo anterior àquele burguês: uma vez que essa religião do seu “amor já estaria morta nos séculos, e vivente somente no velho, doloroso odor dos campos” (PASOLINI, 2005, p. 83). Sem que ela nada tivesse a ver, por exemplo, com o catolicismo daqueles que – cada vez mais em meio ao vazio – ocupavam o poder no presente. Sem que ela nada tivesse a ver com o catolicismo daqueles que de nada haveriam de se arrepender – porque em nada criam (por serem católicos). Sem que ela nada tivesse a ver com o catolicismo daqueles que, gratos, se sabiam piedosamente imperdoáveis.

Uma religião, pois, viva em si: mas não mais sentida pela gente ou praticada sentimentalmente pelo povo – desde que houve no mundo a prevalência dos modos e dos valores novos da burguesia. Modos e valores os quais, em definitivo – desde a modernidade –, vêm homologar todas as vidas à civilização presente de consumo e de falsa tolerância – a qual, também por isso, é irreligiosa e tolhida de sentimentos reais (a despeito de presumível e tradicionalmente católica).

De fato, para Pasolini (Cf. PASOLINI, 1981, p. 98), o hedonismo consumista é perfeitamente irreligioso – e “é a vileza que torna o homem irreligioso” (PASOLINI, 2005, p. 97) –: afinal, para que sacrifício? Para que fé? Com que propósito o ascetismo? Que motivos haveria para os bons sentimentos? Qual a finalidade de se conter? Por que costumes rígidos? No fim das contas, nada disso seria mais necessário – para que o indivíduo se tornasse um pequeno-burguês (consumista e liberal) no tempo presente. Com ênfase, os que antes eram milhões de camponeses católicos converteram-se, em menos de duas décadas, também ao hedonismo do consumo. Conforme Pasolini mesmo explicita:

O fim da igreja é, desde já, inevitável; por causa da “traição” de milhões e milhões de fiéis (sobretudo camponeses convertidos ao laicismo e ao hedonismo consumista), e da “decisão” do poder, que está desde já seguro, em seduzir aqueles ex-fiéis ao bem-estar – o qual lhes foi prometido por meio de uma ideologia, a qual esse mesmo poder sequer teve a necessidade de nominar (PASOLINI, 1981, p. 96).

Nesse mundo burguês – de religiões institucionais, inclusive –, não resta mais, segundo Pasolini, nenhum lugar para o amor à realidade, nem para o empirismo direto (sagrado) com a vida. Não há mais espaço sequer para os protestos incivis, para a insubmissão, para a não-subserviência ou para a subversão às ordens instituídas. Qualquer antagonismo a esse mundo há de assumir, portanto, a feição herética de uma recusa marginal e radical – sem meios termos, sem concessões: e com muita raiva!

Passados dois mil anos, o neocapitalismo e a sua democracia, não a religião, destroem o homem italiano

Sob a onda de incessantes protestos moralistas e dos inúmeros processos judiciais que sofre desde o segundo quartel da década de sessenta (por acusação de obscenidade em sua obra e em sua vida), Pasolini recusa – em bloco – a sociedade nascente do capitalismo de massa;

juntamente àqueloutra, já decrépita e clerical (vulgar e hipócrita) – cuja crueldade e vileza lhe parece permanecer essencialmente no coração desapiedado do novo estado democrático e liberal. Com efeito, para ambas estas sociedades – clerical e neocapitalista –, a religião é somente recato moral. A sua regra é sempre a vilania, o linchamento desde o alto, a autocensura e o apanágio ao vício. Para o corsário, essa igreja e esse estado não têm mais o que fazer com aquele sonho de resistência e de luz religiosa – que abomina o conformismo e a renúncia. Sonho com o qual, sem blasonar, um rapaz vislumbrou poder mudar o mundo; ademais de educar sentimentalmente e de sensibilizar a sua gente (através de sua inteligência e de sua poesia).

É certo que ele reconhece haver nascido católico, mas justamente por ter vindo ao mundo onde ora é a Itália. Porquanto nunca tenha se definido como particularmente católico⁸, acaba também – no que podemos nos referir como a primeira fase de sua produção intelectual – exercendo a sua crítica à igreja; conjuntamente aos demais intelectuais italianos de esquerda em sua época. Pasolini, no entanto, foi o único capaz de enxergar que o catolicismo mais bem se assemelha a uma crosta superficial sobre o povo italiano, do que propriamente a uma convicção íntima. E isso, por paradoxal que pareça, é o que – segundo ele – converte em um grande e inútil esforço a pretensão de combater esses ideais católicos dos itálicos (haja vista que essencialmente exteriores enquanto modo de vida). Por óbvio – como qualquer outro intelectual –, ele não duvida de que a igreja na Itália tenha sido sempre um instrumento de poder. No entanto, não acreditava que o seu poder ideológico, oposto ao seu poder prático, tivesse qualquer influência verdadeira sobre aquele tipo de homem que – sobretudo no começo de sua criação poética e estética – lhe parecia ser o camponês italiano.

É desse modo que, para ele, o italiano não lhe parece crente da doutrina católica, jamais parecera. O que não quer dizer, por conseguinte, que seja materialista. Muito menos que seja pagão – o que seria demasiadamente genérico. Sob os seus olhos, os italianos são – sempre foram – e mantiveram-se *pré-católicos*, e conservaram-se assim a até bem pouco tempo. O que quer dizer que permaneceram culturalmente, modo geral, sempre os mesmos: desde que o catolicismo os encontrou e circundou-lhes a vida há quase dois mil anos (notadamente no mundo paleocapitalista do sul da península).

⁸ Pasolini jamais teria se declarado católico – a despeito das comendas que recebera da igreja por sua obra cinematográfica, posto que tenha tido simpatia e mesmo um sentimento de amizade pelo Papa João XXIII. Diante do fato do intelectual e seu amigo Alberto Moravia havê-lo qualificado, certa feita, como católico, Pasolini rebate: afirmando (ainda que eufemística e ironicamente) que jamais seria católico; que talvez fosse um reformista luterano; mas que católico ele só seria na condição de um não-crente. Diante desse fato, originou-se o título das publicações póstumas de seus últimos artigos no *Corriere della sera* – o livro que viria a ser as suas *Lettere Luterane*.

Isso até que a *qualidade de vida* (do comodismo e do conformismo) e o *bem-estar* jurídico-econômico (do neocapitalismo liberal) viessem destruí-los – vergastando-lhes a alma e remunerando-lhes unicamente os sentidos: fazendo com que emigrassem em massa para as cidades e para os países burgueses. Até que todos, enfim – muito rapidamente –, também viessem miseravelmente a compor a novíssima civilização burguesa (Cf. PASOLINI, 2009, p. 78). Pasolini refere-se a um tipo de homem, por isso, que se manteve até ali (naquele momento do pós-guerra e da sanha nova do *boom* capitalista) não transmutado – nem pela política, nem pela economia, tampouco pela religião. Trata-se daquele homem, portanto, cujos elementos irracionais, arcaicos, míticos, oníricos e bárbaros se mantinham ainda sob o nível da consciência e da atitude franca e imediata com a realidade. Elementos mediados apenas por uma empiria direta com o cotidiano, com o mundo e com o seu tempo histórico como presença absoluta. Elementos, por esses motivos, portadores – em si – de uma poeticidade inteiramente objetual aos olhos de Pasolini.

Diante da constatação da brusca mutação antropológica daquele mundo camponês, barbarizar (na mesma conta de escandalizar) – para o cometimento intelectual, sentimental e estético de Pasolini – passa a significar, pois, sentir, pensar e agir (comportamental e existencialmente), a realidade em deterioro, contra toda a colossal racionalidade burguesa. De fato, com a ironia que lhe competia, em sua última entrevista concedida à televisão (em novembro de 1975)⁹, ele reitera que escandalizar e que barbarizar são – além de um direito do artista e do poeta – um verdadeiro prazer. É nesse sentido que, para Pasolini, o camponês arcaico e pré-católico do paleocapitalismo, assim como o marginal incorrigível da periferia (até a década de sessenta) são como os tipos ideais de um homem épico e estóico, além de sinceramente espirituoso: os quais – em sua obra – ele contrapõe (na condição de bárbaro e de enraivecido – respectivamente) aos novos e refinados sujeitos (do capitalismo consumerista).

De fato, a compulsão como forma de adição – a reduzir os novos modos de vida inteiramente ao consumismo e à viciação dos sentidos – resulta justamente da homologação dos valores, da integração das ideias e dos comportamentos todos à cultura burguesa: que aliena os sujeitos (livres outrora) de toda a possibilidade de uma vida real. Uma vez que estão manietados

⁹ Entrevista concedida na França, em razão do burburinho e da expectativa que precediam o lançamento de *Salò* – e que pairavam na mídia, desde que Pasolini decidira conduzir as suas filmagens em absoluto silêncio. Ocasão em que o corsário igualmente reitera a sua modesta proposta, ao modo de *swift*: de devorar a todos os professores da escola obrigatória e a todos os dirigentes da televisão italiana – como o meio mais honesto de se retomar a educação cultural e sentimental do povo italiano. Esta entrevista encontra-se disponível, na íntegra, em <http://www.youtube.com/watch?v=owKOx6NU3mg&feature=related>, acessado em 02/02/2011.

a um mundo cruel, tecnológico, idiota e vazio – sem que minimamente consigam se dar conta disso. Um mundo o qual essa horrenda caricatura consumista – na qual pasmosamente parece haver se convertido todos os homens (inclusive as resistências – tão caras a Pasolini – do campesinato e da periferia) – não tem mais instrumentos para controlar, muito menos para compreender. Mundo em que definitivamente *a vacuidade sobrepõe-se à vacuidade*, indiferente a todos os que não conseguirem acompanhá-lo.

Nesse sentido é que se pode falar que a obra de Pasolini e que a sua crítica trazem, pois, à questão, não a validade da igreja, por exemplo. Mas a sua mera existência mortal. A sua existência puramente institucional: como execução do réquiem, mais que apropriado, ao ocaso daquele homem – no qual, de início, o poeta ainda podia crer –; porquanto jamais tenha estado (este mesmo homem) verdadeiramente subjugado a qualquer imantação religiosa que fosse (ao arrepio do que predicaram os demais intelectuais de esquerda, coetâneos da juventude de Pasolini). Na realidade, segundo a leitura feita por Naldini (1989, p. 141), para Pasolini “a religião exprime a crise dos anos sessenta... A sirene neocapitalista de um lado, a desistência revolucionária de outro: e o vazio, o terrível vazio existencial conseguinte a tudo isso”.

La religione del mio tempo

No começo da década de sessenta, irreversivelmente já evidenciando a sua apreensão histórica, intelectual e sensitiva – acerca da brusca e definitiva mutação que se operaria, em definitivo, sobre o povo italiano (e que se firmaria muito em breve como recusa ontológica) –, *La religione del mio tempo* (PASOLINI, 1961) é, dos livros de poesias de Pasolini, aquele que (com efeito) faz-se atravessar pelo sentido de consumação mítica do próprio passado; desse passado de homens e de realidade sagrados: ora refeito em vazio (em meio à exterioridade da religião e dos valores burgueses).

Já movido por essa apreensão, o poeta refere-se saudoso – em lamento – à Itália que ele conheceu (e que ora então ele já abominava), em *Alla mia nazione* – um epigrama de *La religione del mio tempo* (1961)¹⁰: “Porque tu um dia exististe, ora não existes mais; certo por haveres sido consciente, hoje és inconsciente. E só porque és católica, não podes pensar no mal

¹⁰ Por interessante, nesta edição de que ora nos utilizamos (Garzanti – Gli elefanti, 2005), há na capa uma ilustração em representação àquela que seria Alecto (a interminável): uma das diras, ou fúrias – ou ainda erínias –, as quais são personificações míticas da vingança. Desenho de Federico Mattotti (fonte não citada na referida edição).

que é o teu mal: culpa de todo o mal. Afunda-te neste teu belo mar, libera o mundo de ti” (PASOLINI, 2005, p. 141).

Incapaz de escrever senão repetindo-se acerca daquilo que – por novo – via (mas que não podia reconhecer como sendo o seu mundo); em um mundo definitivamente mudado, Pasolini simplesmente não podia mais insistir e negava-se a alheadamente nele existir. Investe então com fúria contra a súcia do novo poder e contra a vileza dos novos valores instituídos – sob a garantia de um novo tipo de poder que parece imodificável. Nesses escritos, ele fecha então o périplo de seu próprio *desejo de morte* na comoção elegíaca do retorno à origem, à *arkhè* terrenal do seu mundo materno friulano (do Friuli): habitado, por derradeiro, ainda por gente com cara, com jeito, com cheiro, com modos e com língua de gente – língua que, ainda, lhe parecia dotada com vida. Gente para a qual a honra burguesa significava desonra. Supostamente, na última messe, naquele mundo friulano ainda: “o miserável se sentia homem: fundava a sua confiança na vida. Os seus filhos se lançavam à aventura, seguros de estarem no mundo. A sua esperança consistia em não ter de ter esperança” (PASOLINI, 2005, p. 40).

Nessas poesias, portanto, a sua era uma gente que, por último, vivia; que apenas cria e que se vestia como gente; gente, por conseguinte, que ainda sonhava com a vida (não com o futuro); que via e que sentia a vida inteira no corpo e no campo, no corpo do campo – porém, não como coisa não vivida (a ser desgastada), mas como coisa contemplada. De onde se segue que era uma gente *que não vivia nunca*, porquanto observava tudo. E que, assim, era totalmente livre da vida: haja vista que nela não se submetia a nenhuma condição. Mas isso até quando? Até quando sobreviveria, por assim dizer, intacta uma gente assim? O corsário daí não mais se enganaria, tudo isso estaria destinado a igualmente morrer – bem em breve.

Sobrevivência: mesmo para esse.
 Esse, o velho campo reencontrado,
 Aqui em cima: onde, para nós,
 É mais eterno.
 Para ele são os últimos dias,
 Ou – dá no mesmo – os últimos anos [...]
 Também aqui: onde o pagão foi cristão,
 E com ele a sua terra e o seu campo
 Foram cultivados.
 Um novo tempo o reduzirá
 A não ser mais nada disso:
 E por isso podemos chorá-lo:
 Com os seus escuros anos bárbaros,

Os seus românicos abris.
 O sujeito que não a conhecerá,
 Esta terra supérstite,
 Como poderá nos entender?
 Dizer que nela estivemos?
 Mas nós é que deveremos entendê-lo,
 Porque ele nascerá perdido naqueles dias claros
 Em meio a um estupendo êxtase de inverno
 (PASOLINI, 2005, p. 130).

Eram, portanto, uma gente e uma terra originais – cuja saudade jamais abandonaria o mundo que Pasolini sempre levou consigo. Com ênfase, era uma gente que, se algo apenas a implicava, ela *desse algo* logo se desbaratava – com um modo de observação e de ação que, aos olhos de Pasolini, era propriamente filosófico. Uma Filosofia, por conseguinte, inteiramente empírica e direta, mediada por nada mais além da paixão e da experiência com o real: que excede pela presença absoluta da vida e do tempo (inteiros no presente). Entretanto, nem essa paixão por aquele mundo real poderia objetivamente sobreviver, diante do *novum* que se anunciava. É dessa forma que ele afirma – com clareza – em um epigrama dedicado a Chiaromonte (lugar de sua predileção): “Não te iludas, a paixão não obtém jamais perdão. Não te perdô eu, que também vivo de paixão” (PASOLINI, 2005, p. 134).

Em suma, aquela gente friulana que conhecera – e sobre a qual escrevera nessas poesias – era, enfim (aos seus olhos), totalmente pré-cristã: católica somente enquanto não crente. Era, decerto, estóico-epicurista em sua prática existencial. Prática, por assim dizer, urdida no desbaste material, objetivo, sentido e – por isso – poético de suas vidas: em nada sobrestadas ao futuro. Diante disso, portanto, Pasolini – à época – chegou mesmo a capitular: a duvidar se realmente aquela gente (forjada na alegria da vida e do trabalho) seria passível de entregar-se ao consumismo. *La religione del mio tempo* (PASOLINI, 1961) é, por certo, um livro de poesias de extrema tensão filosófica e existencial: que demonstra muitas dúvidas e inquietações do autor diante do objeto de seu amor na realidade; o qual não é outro senão a existência cultural e material – outrora tão diversa e tão viva – do povo italiano.

Ele chegou, por isso mesmo, a querer provar a sua própria ignorância (a respeito de um possível engano): com relação ao estranhamento que sentia ante a iniludível vileza daqueles, *que eram novos tempos*. Tempos que, então, apenas se pronunciavam – mas já a diminuir-lhe as melhores forças: as do sentimento e as do calor de seus pensamentos – diante de homens que, simplesmente, não conseguia reconhecer mais. Onde estariam? Para onde haveriam se refugiado

aqueles homens do seu amor? Em que haveriam se transformado? Chegou, pois, a sonhar se aquela gente tão estóica, de fato – capaz de fazer as suas próprias leis –, não seria capaz também de resistir, de sobreviver:

Me esforço por compreender cada coisa, ignorante que sou de outra vida que não seja a minha, até o ponto de fazer perdidamente de outra vida, na saudade, uma experiência plena: sou todo piedade, mas quero que diversa seja a vida do meu amor por esta realidade – a qual eu também amaria caso por caso, criatura por criatura” (PASOLINI, 2005, p. 92).

Já nas postumeiras dessas poesias de *La religione del mio tempo* (PASOLINI, 1961), no entanto, ele parece não titubear mais. Compreende que aquela gente, naquele lugar tão belo, agora estava cega – ao ponto de “pensar na bondade como um puro comportamento e na piedade como mais uma norma” (PASOLINI, 2005, p. 98). Compreende que aquela gente estava mesmo destinada a morrer – ainda que toda aquela paisagem natural permanecesse (fisicamente): sobretudo ali, no Friuli. Ao mesmo tempo em que entende que ele – que o seu amor e que a sua poesia – não deveriam ir junto. Que, de alguma forma, deveriam prosseguir adiante:

Recuso-me, desde já, a viver aqui.
 Não há mais nada além da natureza –
 Na qual se difunde somente o fascínio da morte.
 Nada deste mundo humano que eu ame mais.
 Tudo me traz dor:
 Esta gente que segue supina cada chamado.
 A qual os seus patrões querem-na chamada,
 Adotando, desatenta, os mais infames hábitos de vítima,
 Predestinada: à conspiração – *omertà* –
 Do mal que a invade.
 O seu fervilhar se faz entorno a um bem-estar
 Ilusório, como uma vara de porcos
 Em torno a pouca comida.
 A sua regularidade de maré,
 Pela qual multidões e desertos se alternam pelas vias,
 Segue ordenada por fluxos e refluxos
 Obsessivos e anônimos,
 De pesadas necessidades.
 O coração, tetricamente arrastado ao quiasma do inócuo
 (PASOLINI, 2005, p. 99-100, grifos nossos).

Relendo *La religione del mio tempo* (PASOLINI, 1961), a impressão que se tem de Pasolini é, pois, a daquele intelectual que enxertou o tema dos limites da poesia na própria vida (que a sentiu passar); todavia também na culpa – que sentia por isto, diante disto. Sem saber quem ao certo foi (nem o que poderia ser dali em diante), nessas poesias ele ensaia acerca do diagnóstico de si, do sentimento de si na realidade – frente o novo mundo (horrendo) que então se esboçava na Itália: “Quem fui? Que sentido teve a minha presença em um tempo que este filme reinvoca, desde já, tão tristemente fora do tempo?” (PASOLINI, 2005, p. 55).

Disso se segue que ele ora se via (a si) arrojado a um mundo que não sabe mais o que fazer – nem com a poesia, nem com os poetas. Um mundo no qual o poeta jamais terá paz: “Há quase quarenta anos eu me encontro com raiva, que *de si* não sabe senão o que é o novo, e que se enfurece com o mundo velho. Como um jovem – sem piedade, ou pudor – eu não escondo esse meu estado: não terei paz, nunca” (PASOLINI, 2005, p. 169-70, grifos do autor).

Não obstante a corajosamente escolher o compromisso inalienável com a realidade, o poeta transalpino deteve-se ao corpo vivo da singularidade (própria) daquele passado tão próximo – e narra, dali, daquela terra que o surpreendera (que o suspendera) em sua juventude, o seu exílio (supremo) diante de seu tempo presente em luto ao homem que não reconhece mais. Como se fosse ela (aquela terra) o lugar da sua morte em vida: “da qual eu venho e à qual retorno” (PASOLINI, 2005, p. 164). E retém que aquele mundo novo (de burgueses idiotas), que viria a engolir a sua terra, não o cercearia nela (em seu passado e em sua saudade) – fadada à destruição. É desse modo que ele choraria o seu mundo morto, mas não seria sepultado em luto por ele. Ele choraria muito mais a sua sobrevida (no novo mundo que já nascia igualmente morto), do que propriamente (sobre) aqueloutro – que estava, inequivocamente, prestes a ser destruído:

Idiotas!
 Pretendem cercar-me de sequazes?
 Inventar-me uma cerca?
 Eu não creio na existência do seu novo mundo,
 No qual se buscam sequazes,
 Onde se inventam cercas.
 Vocês são um cadáver:
 E me crêem igualmente em uma tumba
 (PASOLINI, 2005, p. 131).

Diante disso, mesmo em seu presente (em seu tempo e até em seu lugar), Pasolini sente-se exilado. E desde esse exílio ele recusa todo o privilégio lírico, e muito mais qualquer prestígio intelectual que lhe seja endereçado: colocando-se em meio às discussões da *intelligentsia* de seu tempo preferencialmente na condição de um anônimo e de um homem comum e impuro (bárbaro e escandaloso ante a morte dos que se civilizam) – justo ante todos aqueles intelectuais, os quais se sentiam tão puros. Sentia-se, assim, desterrado daquele mundo de mentiras tão claras. Contudo, ao mesmo tempo, culpado. Culpado por ter de sobreviver ali (em desamor): no exílio daqueloutro mundo que se tornara irreconhecível. Sobreviveria, então, como quem não renuncia em nada a vida; mas também como quem recusa – com a força total do repúdio – tudo o que aquele mundo novo poder-lhe-ia oferecer: a fim de que ontologicamente pagasse a sua culpa. Afinal, para ele, sentir-se tão diverso e tão dissonante – em um mundo que também está em culpa – significa igualmente não ser inocente (Cf. PASOLINI, 2005, p. 35). A exaltar essa culpa, ele destina a si mesmo uma dessas poesias de *La religione del mio tempo* (1961): “Neste mundo de culpa, que somente compra e despreza; o mais culpado sou eu mesmo, ressecado de amargura” (PASOLINI, 2005, p. 115).

Por paradoxal, daí em diante, ele afirmará e seguirá o propósito – acerca de seu cometimento existencial e intelectual – com alegria. Com a consciência de que só a arte, doravante, poderá lhe proporcionar algum pagamento à culpa que sente por toda a vida (que lhe foi arrestada) – e que fez dele, por anos, uma desanimada vítima de endemoninhadas esperanças: “Não se deixem nunca tentar pelos campeões da infelicidade, da soberba cretina, da seriedade ignorante. Sejamos alegres” (PASOLINI, 2010, p. 75).

Referências

FOUCAULT, M. [1984] *História da sexualidade – II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 2006.

NALDINI, N. *Pasolini, una vita*. Torino: Einaudi, 1989.

PASOLINI, P.P. [1961] *La religione del mio tempo*. Milano: Garzanti, 2005.

_____. [1957] *Le ceneri di Gramsci*. Milano: Garzanti, 2009.

_____. [1976] *Lettere luterane: Il progresso come falso progresso*. Milano: Garzanti, 2010.